

Ingedore G. Villaça Koch

*Universidade Estadual de Campinas - Brasil; ingedokoch@yaboo.com.br*

## Léxico e progressão referencial

### Introdução

Neste artigo, em que homenageio o colega e amigo Mário Vilela, um dos maiores estudiosos do léxico em nossa língua, objetivo discutir a importância da seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão textual, tendo em vista a construção do sentido.

Insiro-me no quadro teórico e epistemológico que parte do pressuposto de que a referencialização constitui uma atividade discursiva, pressuposto esse que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem. Tal é o ponto de vista defendido por L. Mondada, em diversos trabalhos, conforme se pode ver no excerto abaixo:

La question de la **référentiation** [...] ne privilégie pas la relation entre mots et choses, mais la relation intersubjective et sociale au sein de laquelle des versions du monde sont publiquement élaborées, évaluées en termes d'adéquation aux finalités pratiques et aux actions en cours des énonciateurs (Mondada et Dubois, 1995). De cette façon, ce sont les procédés mis en oeuvre par les participants à l'interaction pour assurer des opérations de référentiation qui deviennent l'objet de la description de l'analyse.

Au sein de ces opérations de référentiation, les interlocuteurs élaborent des **objets de discours**, i. e. des entités qui ne sont pas conçues comme des expressions référentielles en relation spéculaire avec des objets du monde ou avec leur représentation cognitive, mais des entités qui sont interactivement et discursivement produites par les participants au fil de leur énonciation. Les objets du discours sont donc des entités constituées dans et par les formulations discursives des participants: c'est dans et par le discours que sont posés, délimités, développés et transformés. Des objets de discours qui ne lui préexistent pas et qui n'ont pas une structure fixe, mais qui au contraire émergent et s'élaborent progressivement dans la dynamique discursive. Autrement dit, l'objet de discours ne renvoie pas à la verbalisation d'un objet autonome et externe aux pratiques langagières: il n'est pas un référent qui aurait été codé linguistiquement (Mondada, 2001, pp.90).

Adoto, pois, a posição de que os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos, são constantemente modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se ou reconstruindo-se, por esta via, os sentidos, no curso da progressão textual (Koch & Marcuschi, 1998; Marcuschi & Koch, 2003; Koch, 1999, 2003). Os exemplos usados são extraídos de um corpus que reúne matérias da mídia impressa e excertos de língua falada constantes de inquéritos do Projeto

NURC/SP, além de alguns outros construídos, mas perfeitamente passíveis de serem encontrados em situações reais.

### **As formas nominais referenciais anafóricas**

São formas nominais referenciais anafóricas os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no co-texto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes. Isto significa que a anáfora pode dar-se com ou sem a retomada de referentes anteriormente expressos. No primeiro caso, pode haver simplesmente correferência entre a expressão anafórica e seu antecedente textual, ou ocorrer a recategorização deste (cf. Cavalcante, 2003). Em se tratando de anáfora sem retomada de referentes textuais, o referente da expressão nominal terá de ser construído com base em um elemento ou conjunto de elementos presentes no co-texto, a que se tem denominado *âncora* ou *gatilho do antecedente*. Para tanto, faz-se necessária a mobilização do contexto sociocognitivo e/ou de aspectos do próprio entorno interacional.

#### **1. Anáforas com retomada de antecedentes textuais**

No caso das anáforas com retomada de antecedentes textuais feitas por meio de formas nominais, o núcleo destas pode consistir na repetição (total ou parcial) do antecedente, ou, então, a retomada pode efetuar-se por meio de sinônimos ou quase-sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos e descrições nominais. Nos dois primeiros casos, tem-se correferência sem recategorização, ao passo que, nos três últimos, ocorre uma recategorização do antecedente textual.

##### **1.1. Anáforas correferenciais sem recategorização**

###### **1.1.1. Por repetição total ou parcial**

Nesse caso, o núcleo da forma nominal repete, na íntegra ou parcialmente, o núcleo do antecedente que está sendo retomado, como ocorre em (1), onde temos repetições anafóricas totais e parciais:

(1) Doc. agora... éh::não não se fazia farinha?

Inf. o **fubá**?... ele é feito numa::... num **moinho de fubá**... o **moinho** tem uma pedra aliás aí acho que é:: igual pra... pra tudo né?... o **moinho** tem uma **pedra** que é a:: **mó**... e a **pedra** vai virando e... e vai moendo os grãos de milho... até transformar em **fubá**

Doc. e e... e é movida a quê?... essa **mó**?

Inf. a **mó** é:: era ... olha na na fazenda de Campinas sempre foi movida a eletricidade... (NURC/SP DID 18: 354-364)

Na retomada parcial, a escolha da parte do antecedente a ser retomada é significativa para a construção do sentido. Veja-se, por exemplo, a diferença entre (2) e (2'):

(2) Durante a conferência, o Professor Doutor José Mendonça pediu a palavra. **O professor** insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano.

(2') Durante a conferência, o Professor Doutor José Mendonça pediu a palavra.

**Mendoncinha** insinuou que o conferencista estava cometendo um sério engano.

### 1.1.2. Por sinonímia ou parassinonímia

A retomada de um antecedente pode efetuar-se por meio de expressões sinônimas ou 'quase-sinônimas' (parassinonímia). A seleção lexical de um sinônimo adequado para operar a remissão é, em grande parte, determinada pelo gênero textual e/ou pela variedade de língua utilizada, podendo ainda constituir uma opção estilística do produtor. Lembrando um exemplo bastante difundido: em se tratando de um instrumento jurídico, seria difícil encontrar, em lugar do termo *domicílio*, uma palavra como *lar*; *casa*, *moradia*, que, no entanto, constituiriam ocorrências normais tanto em gêneros coloquiais, como em muitos outros, em que *domicílio* pareceria inadequado; no caso de um contrato de compra e venda, por sua vez, o termo privilegiado é o hiperônimo *imóvel*. Em um contrato de locação, a designação da parte que vai habitar o imóvel é o *locatário* e não *inquilino* ou *morador*; termos estes que seriam comuns numa ata de reunião de condomínio, por exemplo. Termos como *casa*, *residência*, *moradia*, *mansão*, *palacete*, *tapera*, *mansarda*, *barraco* etc., embora todos designem 'lugar onde se mora', não entram nos mesmos contextos e produzem efeitos de sentido diversos; retomar, no texto, o agente de uma ação delituosa por palavras como *suspeito*, *criminoso*, *acusado*, *réu*, *elemento*, *facínora*, *meliante*, *marginal*, *crápula*, *tarado*, etc. tem suas implicações não só na identificação do próprio gênero, como também na construção mesma do sentido do texto em que se inserem, como também é o caso de outras séries como *morte*, *óbito*, *falecimento*, *passamento*, *desencarne* etc. Portanto, a seleção de um sinônimo está ligada a questões de gênero e de contexto. Note-se que, no gênero divulgação científica, é comum encontrar-se um termo técnico retomado anaforicamente por uma palavra ou expressão sinônima de senso comum, que vai funcionar como anáfora definitória, como se pode ver em (3):

(3) **Os bugios** não precisam de muito espaço e se alimentam de quase tudo que existe na mata: folhas, brotos de árvores, frutinhas. O inverno, porém, é a estação de fartura para estes **símios** e outros animais da floresta, pela abundância de pinhões.

Os bugios, aliás, parecem a todo instante, comprovar as teorias de Charles Darwin. Nada mais parecido com um lutador de luta livre do que um desses **macacos** batendo no peito e roncando para amedrontar o adversário. (Zero Hora, 17/05/1992, p. 4)

É comum que um anafórico apreenda o referente sob uma denominação que constitui um sinônimo mais ou menos aproximado da designação presente no co-texto (parassinonímia), podendo trazer, inclusive, informações inéditas a respeito dele, justamente por designá-lo por outro nome, nem sempre previsível pelo destinatário. Veja-se o exemplo abaixo:

(4) A **polêmica** parecia não ter fim. Pelo jeito, **aquele bate-boca** entraria pela noite a dentro, sem perspectivas de solução.

Muitas vezes, não é evidente a equivalência entre as duas denominações usadas para designar o referente, como nos casos em que o estabelecimento deste depende de conhecimentos lexicais e/ou enciclopédicos não necessariamente partilhados por todos os falantes, por exemplo, quando se recorre a um termo técnico ou científico:

(5) Deixe-me examinar melhor o seu **artelho**. À primeira vista, não me parece que o **dedo** esteja fraturado.

A variedade de língua empregada é outro fator que interfere na seleção do anafórico. Numa conversação entre dois falantes de uma mesma variedade regional, a escolha mais comum seria a de termos dialetais, o que, para evitar dificuldades de compreensão, provavelmente não ocorreria se os interactantes fossem falantes de variedades diferentes.

### 1.2. Anáforas correferenciais recategorizadoras

Em muitos casos de retomadas correferenciais, ocorre uma recategorização (em grau maior ou menor) do referente. É o que se dá nas retomadas por hiperonímia/hiponímia, por termos genéricos e por meio de descrições nominais definidas ou indefinidas.

#### 1.2.1. Hiperonímia

A retomada referencial por meio de um hiperônimo é estratégia referencial bastante comum. Também aqui a seleção dos termos anafóricos a serem utilizados é de relevância para a construção do sentido. A retomada, por meio de um hiperônimo, de um objeto-de-discurso previamente introduzido por um hipônimo constitui estratégia referendada pela norma, que assegura um mínimo de estabilidade informacional, visto que a anáfora por hiperonímia funciona necessariamente por recorrência a traços lexicais. Isto é, o hiperônimo contém, em seu bojo, todos os traços lexicais do hipônimo. Por esta razão é que se pode afirmar que, nesses casos, tem-se um 'menor grau' de recategorização, visto que a carga semântica do hiperônimo, ao ser usado anaforicamente, se 'ajusta' ao antecedente, i.é., selecionam-se na compreensão apenas aqueles de seus traços que a ele convêm, como se pode ver em (6):

(6) A **aeronave** teve de retornar à pista. O **aparelho** (aeronave) estava com defeito. (a

(6') Tive de levar o **liquidificador** para o conserto. O **aparelho** (liquidificador) está com defeito.

Por vezes, o uso de um hiperônimo tem a função de glosar um termo raro e, desta forma, atualizar os conhecimentos do interlocutor, como ocorre com **esses macacos**, no exemplo (3), se **símios** não tiver sido uma pista suficiente para a compreensão do que sejam **bugios**. Nestas glosas por meio de um SN, geralmente introduzido por um demonstrativo, o hiperônimo pode vir acompanhado de uma expansão adjetival de caráter classificatório, que vai permitir capturar o referente como uma sub-espécie ('hiperônimo corrigido', cf. Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995:69)). Veja-se o exemplo seguinte:

(7) "Em meio à retranca generalizada dos investidores, um punhado de empresas não se deixou impressionar, mantendo suas estratégia, tocando a vida. Acreditando no Brasil, enfim. Entre elas destacou-se a Nestlé, que cumpria oito décadas de operações no país naquele ano. Em pleno carnaval, **a empresa suíça** anunciou a compra, por 500 milhões de reais, da Garoto, seriamente ameaçada por causa de divergências intransponíveis entre seus controladores". (*Exame*, 18/02/04)

Não é rara, também, a exploração da seqüência hiperonímia/hiponímia. Tem-se, neste caso, uma *anáfora especificadora*, que ocorre nos contextos em que se faz necessário um refinamento da categorização inicial do referente. Embora de certa forma condenada pela norma, já que, em muitos casos de retomada de um hiperônimo por um hipônimo, o enunciado se torna ambíguo, esse tipo de anáfora permite trazer, de forma compacta, esclarecimentos ou especificações a respeito do objeto-de-discurso, como em (8):

(8) **Uma catástrofe** ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. **Uma epidemia** de Ebola já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva.

Interessante é observar que, nesses casos, é comum vir o hipônimo introduzido pelo artigo indefinido, o que contraria a posição da maioria dos autores, segundo a qual o indefinido é sempre introdutor de referentes novos (cf. Koch, 1998, 2002 ; Lima, 2004).

Cabe observar, também, que paráfrases anafóricas construídas com a ajuda de um hiperônimo podem servir, por exemplo, para elaborar definições:

(9) Vocês já ouviram falar dos **argonautas**? Pois conta-nos a lenda grega que esses **tripulantes** da nau mitológica Argos saíram à busca do Velocino de Ouro.

Em exemplos como este, podem-se verificar os efeitos que vêm sendo chamados 'definicionais' e 'didáticos', que permitem, introjetar na memória um item lexical novo.

Segundo Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995), a anáfora denominada didática é aquela que apresenta direção inversa à da definicional, ou seja, tem o *definiens* na expressão introdutora, e o *definiendum*, na expressão referencial, como é o caso de (10):

(10) Para orientar as manobras dos aviões, os aeródromos são dotados de **aparelhos** que indicam a direção dos ventos de superfície. As **birutas**, que têm a forma de sacola cônica, são instaladas perpendicularmente à extremidade de um mastro.

A vantagem dessa estratégia é permitir ao locutor adaptar-se simultaneamente às necessidades de dois públicos distintos. Permitindo definir um termo ou introduzir um vocábulo técnico da maneira mais concisa possível, esse tipo de anáfora torna-se um auxiliar valioso no discurso de divulgação científica.

Outra questão importante: quando ocorre a retomada por hiperônimo, é preciso atentar para o grau de hiperonímia, ou seja, se o termo a ser mobilizado é um hiperônimo imediato ou mais distante na escala hiperonímica. Observe-se o exemplo (11), no qual se pode verificar que os efeitos de sentido passíveis de serem produzidos não são exatamente os mesmos:

(11) No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o **roedor**, que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.

(11') No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o **mamífero (o vertebrado)**, que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr. (ocorrência pouco provável)

(11”) No canto da cozinha, estava um rato. Ao ver o **animal (o bicho)**, que segurava um pedaço de queijo, Maria deu um grito e pôs-se a correr.

É evidente, também, a diferença de orientação argumentativa no caso de se usar o diminutivo: Ao ver o **bichinho...**

### 1.2.2. Retomada por termo genérico

Outra forma de retomada anafórica é a que se faz por meio de nomes genéricos, tais como *coisa, pessoa, negócio, criatura, indivíduo*. Também aqui a seleção do termo anafórico pode estar ligada à variedade regional ou social dos interlocutores. O uso de ‘*trem*’ (=coisa) seria, provavelmente, indicativo do dialeto mineiro, enquanto *cara* indicaria o estilo coloquial ou da gíria, e *companheiro, camarada* poderiam ter, dependendo do contexto discursivo, conotações políticas.

O uso de termos genéricos é extremamente comum na língua falada, mesmo entre falantes da norma culta, como atestam os inquéritos do Projeto NURC. Este fato pode ser explicado em termos cognitivos: na fala, em que planejamento e verbalização são quase simultâneos, a busca de um termo mais específico teria maior custo processual, de modo que se torna mais fácil recorrer a um termo imediatamente acessível. Vejam-se alguns exemplos:

(12) Doc. ... e quando você tem um problema dentário você escolhe um:: dentista com uma determinada especialidade ou qualquer um serve?

Inf. Eu...pro/... em geral a gente procura um... o dentista de quem a gente tem recomendação de:: recomendações de colegas... ou de familiares... o que seria o meu caso inclusive que freqüento um dentista... há mais de quinze anos porque... me foi recomendado por pessoas... ora não entro num consultório dentário... qualquer às vezes eu prefiro até suportar um pouquinho de dor... esperando chegar o meu dentista... do que entrar em qualquer clínica... isso::... também com... com médicos e posteriormente com outras... **coisas** que eu deva recorrer... né?... que nem um advoga: do... a gente procura... eu procuro pelo menos... sempre recorrer a essas **pessoas** quando indicadas né? (NURC/SP DID 251: 214-230)

(13) Inf. ... então... ah:: eu acho que é ESSE o GÊnero que realmente atrai que realmente faz sucesso... porque todos os espetáculos... que partem para esse campo... fazem sucesso em São paullo... ou então... os monólogos humorísticos como:: os espetáculos do uh::uh:: Chico Aní::sio... do Juca Cha::ves... eh:: Ari Tole::do... José Vasconcelos e outros que sempre faz sucesso... com algumas :: raras exceções... às vezes a peça não agrada tanto... ma::s normalmente... éh:: esse:: esses **indivíduos** esses humoristas fazem muito sucesso com (todos) seus moNÓlogos teatrais (NURC/SP DID 161: 535-546)

O exemplo (13) revela claramente como se dá o processamento da fala do informante: **indivíduos**, termo genérico, é o primeiro acessado; logo a seguir, porém, ocorre uma correção referencial (cf. Koch & Marcuschi, 1998; Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995). Isto é, o falante corrige a expressão **esses indivíduos** no momento em que consegue mobilizar, ainda no fluxo do discurso, o termo mais específico –**humoristas**, já que, de fato, falava-se de humoristas, em se considerando os quatro artistas citados.

Também em textos escritos é comum a retomada anafórica por termos genéricos:

## (14) Mistério no zôo

A polícia que investiga as mortes dos animais do Zoológico de São Paulo trabalha com duas hipóteses: envenenamento criminoso ou transmissão do veneno via ratos. Na última semana, a polícia apreendeu em uma loja de São Paulo frascos de um veneno cuja fabricação e venda estão proibidos no Brasil. **O material apreendido contém a mesma substância encontrada nas vísceras dos animais mortos, o fluoreceto de sódio.** (*Época*, 16/02/04)

Note-se, ainda, no exemplo acima, a catáfora referencial efetuada por meio do nome genérico em *duas hipóteses*.

## 1.2.3. Retomada por descrições nominais

O uso de uma descrição nominal implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto (Koch 1984, 1989, 1999, 2002). Trata-se, em geral, da ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com o(s) interlocutor(es) (isto é, a partir de um *background* tido por comum), de características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar.

A escolha de determinada descrição definida pode, assim, ter função avaliativa, isto é, trazer ao leitor/ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido (exemplo 15). Por outro lado, o locutor pode também ter o objetivo de, pelo uso de uma descrição definida, sob a capa do dado, dar a conhecer ao interlocutor, com os mais variados propósitos, propriedades ou fatos relativos ao referente que acredita desconhecidos do parceiro (exemplo 16).

(15) Voltando à pergunta inicial: há sim quem tenha esquecido o relatado acima. Entre **o pessoal de memória curta**, está a maioria dos conselheiros do Cade, que, após uma inacreditável demora de dois anos, anulou a compra da Garoto, recolocando-a na trilha da incerteza. (*Exame*, 18/02/04).

(16) O prefeito é especialmente exigente para liberar novos empreendimentos imobiliários, principalmente quando estão localizados na franja da cidade ou em áreas rurais(...). “O crescimento urbano tem de ser em direção ao centro, ocupando os vazios urbanos e aproveitando a infra-estrutura, não na área rural que deve ser preservada”, repete **o urbanista que entrou no PT em 1981 como militante dos movimentos populares por moradia**. (Quem matou Toninho do PT? In: Caros Amigos 78, setembro de 2003, p. 27)

Não é difícil constatar como o emprego de expressões nominais anafóricas opera a recategorização dos objetos-de-discurso, isto é, de que forma tais objetos vão ser reconstruídos de determinada forma, atendendo aos propósitos comunicativos do falante/escrevente. Nessa recategorização, muitas vezes feita por meio de termos metafóricos, a seleção do núcleo da forma nominal desempenha, sem dúvida, um papel crucial, como se pode comprovar no seguinte exemplo:

(17) À medida que a campanha eleitoral avançava e os indicadores econômicos se deterioravam, poucos meses depois, bem que a Nestlé poderia ter desistido da com-

pra, que começara a ser analisada pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE).

O que fez a Nestlé? Em vez de usar **o pedal do freio**, optou pelo **acelerador**. No dia 7 de junho, uma Sexta-feira que encerrava uma semana particularmente difícil, a Nestlé lançou a pedra fundamental de uma nova fábrica em Araras, no interior de São Paulo, na qual investiria 95 milhões de reais. (*Exame*, 18/02/04).

O *pedal do freio* e o *acelerador*; ambos metafóricos, funcionam o primeiro anafórica e o segundo, cataforicamente.

### 1.3. Anáforas não-correferenciais

#### 1.3.1. Anáforas indiretas

Têm-se anáforas indiretas toda vez que um novo objeto-de-discurso é introduzido, sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de relação com elementos presentes no co-texto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação. Um subtipo dessas anáforas são as chamadas anáforas associativas.

A anáfora associativa explora relações meronímicas, ou seja, todas aquelas em que entra a noção de ingrediência, tal como descrita por Lesniewski (1989). Incluem-se, pois, aqui não somente as associações metonímicas, mas também todas aquelas relações em que um dos elementos pode ser considerado 'ingrediente' do outro, conforme se verifica em (18), em que **vagões** e **bancos** podem ser considerados 'ingredientes' de **trem**:

(18) Uma das mais animadas atrações de Pernambuco é o **trem** do forró. Com saídas em todos os fins de semana de junho, ele liga o Recife à cidade de Cabo de Santo Agostinho, um percurso de 40 quilômetros. Os **vagões**, adaptados, transformam-se em verdadeiros arraiais. Bandeirinhas coloridas, fitas e balões dão o tom típico à decoração.

Os **bancos**, colocados nas laterais, deixam o centro livre para as quadrilhas.

Já em (19), é 'pichações' que vai ancorar a interpretação de **as gangues**, embora não se trate aqui de uma relação léxico-estereotípica (condição estabelecida por Kleiber (1994, 2001), como também por vários outros autores, para a existência de uma anáfora associativa), mas sim de uma relação indireta que se constrói inferencialmente, a partir do co-texto, com base em nosso conhecimento de mundo. Trata-se, portanto, de uma anáfora indireta.

(19) Há alguns anos, as **pichações** que passaram a borrar casas, edifícios e monumentos de São Paulo – e de outras grandes cidades brasileiras – começaram a ganhar características novas. Pode-se questionar se políticas apenas repressivas são a melhor forma de enfrentar o problema – ainda que nesse quesito, elementar, o poder público pareça complacente, já que, conforme a reportagem, **as gangues** reúnem-se semanalmente com hora e local marcados. Merecem apoio iniciativas que possam, de forma positiva, atrair os pichadores para atividades menos predatórias.

É fácil verificar a importância da seleção lexical quando se trata das anáforas em tela. Na anáfora associativa, é preciso selecionar convenientemente termos pertencentes a um mesmo *campo lexical*, de modo a permitir, por meronímia, a construção dos



referentes (exemplo 20). Nas anáforas indiretas em geral, é a seleção adequada dos possíveis gatilhos que vai permitir a mobilização das inferências necessárias à ativação do referente.

### 1.3.2. Anáforas rotuladoras

Fato bastante comum é o uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes do contexto, resumindo-os e encapsulando-os (Conte, 1996) sob um determinado rótulo (Francis, 1994). Trata-se, nesses casos, segundo Schwarz (2000), de anáforas “complexas”, que não nomeiam um referente específico, mas referentes textuais abstratos, como *estado, fato, circunstância, condição, evento, atividade, hipótese* etc. São, nomes-núcleo genéricos e inespecíficos, que exigem realização lexical no co-texto, realização que vai constituir uma seleção particular e única dentre uma infinidade de lexicalizações possíveis, efetuada a partir das proposições veiculadoras das informações-suporte. Tais expressões nominais, que são, em grande parte, introduzidas por um demonstrativo, desempenham duas funções textuais importantes: rotulam uma parte do co-texto que as precede e, com isso, estabelecem um novo referente que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subseqüentes. Como formas de remissão a elementos anteriormente apresentados no texto ou sugeridos pelo co-texto precedente, elas possibilitam a sua (re)ativação na memória do interlocutor, ou seja, a *alocação ou focalização* na memória ativa (ou operacional) deste; por outro lado, ao operarem uma recategorização ou refocalização do referente, elas têm, ao mesmo tempo, função predicativa. Trata-se, pois, de formas híbridas, referenciadoras e predicativas, isto é, veiculadoras tanto de informação dada, como de informação nova. Schwarz (2000) denomina essa função de *tematização remática*.

Podem-se distinguir dois tipos dessas formas anafóricas: as que simplesmente rotulam um segmento anterior do texto, transformando-o em objeto-de-discurso e abrindo, assim, a possibilidade de progressão textual (exemplo 19) e as que procedem a operações de nominalização, por meio de nomes deverbais ou não, consideradas por Francis (1994) como rotulações resultantes de encapsulamentos operados sobre predicções antecedentes ou subseqüentes, ou seja, sobre processos e seus actantes, os quais passam a ser representados como objetos-acontecimento na memória discursiva dos interlocutores. Do ponto de vista da dinâmica discursiva, apresenta-se, *pressupondo* sua existência, um processo que foi (ou será) predicativamente significado, que acaba de ser (ou vai ser) *posto* (exemplo 20).

(19) É fácil apontar as razões de sucesso – ou fracasso – de um projeto após sua conclusão. O complicado é antecipá-las. Os executivos da Petrobrás, a maior empresa brasileira, enfrentaram **um desafio assim** há quatro anos, quando iniciaram a implantação do programa de gestão R/3 da SAP, batizada de projeto Sinergia. (*Exame*, 18/02/04)

(20) A Vigilância Sanitária do Estado de São Paulo determinou ontem que todos os produtos com suspeita de conter transgênicos em sua composição sejam recolhidos dos locais de venda em até 15 dias. **A determinação** cumpre uma lei estadual de dezembro de 1999. (FSP, 2/08/00, A-14).

A rotulação encerra, na maioria dos casos, valor persuasivo isto é, os rótulos (avaliativos) mobilizados para construir o objeto-de-discurso – freqüentemente metafóricos

– têm o poder de orientar o interlocutor no sentido de determinadas conclusões, como fica patente nos exemplos abaixo:

(21) Ontem o secretário de estado de Bush, Collin Powell, e outros assessores menores foram à mídia dizer que Sharon havia entendido o recado de Bush. As tropas de Sharon deveriam parar ‘já’. Isto é, assim que fosse possível, pois exércitos não se retiram de uma hora para outra, Bush não pode ‘dar ordens’ a outro chefe de Estado etc. Enfim, **a pantomima toda** era para mitigar a impressão geral de cumplicidade de Bush no caso. (Vinícius Torres, FSP, 8/04/2002, A2).

Um tipo particular de rotulação é aquele em que não se sumariza o conteúdo de um segmento textual precedente, mas focaliza-se a própria atividade enunciativa (cf. Jubran, 2003), qualificando esse segmento como determinado tipo de ação ou atividade metadiscursiva; ou seja, como afirma Jubran (2003:97), “os referentes rotulados metalingüística ou metadiscursivamente (...) são claramente entidades do discurso, no sentido de que focalizam a atividade enunciativa, a *mise-en-scène* do discurso”. E ainda:

em todas as ocorrências de rotulação metalingüística ou metadiscursiva, há esse jogo multiplano em que referentes textuais constitutivos do elemento-fonte anaforizado desempenham uma função informacional no texto e passam, no anaforizador, a se constituir como objetos de menção e qualificação no contexto da atividade enunciativa. O discurso dobra-se sobre si mesmo, em um movimento auto-reflexivo típico da metadiscursividade, figurando como discurso e objeto-de-discurso”.

Não há, no caso, portanto, retomada referencial, nem correferencialidade, já que se opera um desdobramento: é o próprio discurso que se transforma em objeto-de-discurso.

É aqui que se situam os diversos tipos de rotulações metalingüísticas e/ou metadiscursivas (discutidas por Francis, 1994, que as denomina “nomes-de-ação” e nomes metalingüísticos), por meio das quais, como foi dito, se *menciona* um segmento anterior do texto, qualificando-o metadiscursivamente:

1. como concretização de determinado ato ilocucionário (afirmação, declaração, promessa, conselho, advertência etc.); 2. como um tipo de atividade linguageira (descrição, explicação, relato, esclarecimento, comentário, sondagem etc.); 3. como determinado processo cognitivo (análise, reflexão, avaliação, opinião, etc.); 4. por meio de denominações metalingüísticas (frase, sentença, pergunta, palavra etc); 5. por recurso a aspas de distanciamento, ironia etc. Observem-se os exemplos abaixo:

(22) (...) mas o que se viu na última quarta-feira, quando o suposto espetáculo deveria estrear, abrindo o 1<sup>o</sup>. Festival Recife do Teatro Nacional, foi uma leitura dramatizada mal concebida e conduzida em cena. **A opinião** não é pessoal (...) (Muitas vaías para Romero A. Lima e Ariano Suassuna, Jornal do Comércio, 22/11/97, Caderno C).

(23) (...)“O programa mata a fome, mas não ajuda a diminuir a pobreza nem estimula a economia das regiões mais carentes”, diz Terra, a propósito do corte das cesta básicas para as famílias mais pobres.

Tem-se, nessa única **sentença**, os dois lados essenciais do governo FHC. Primeiro, o academicismo. Segundo, o economicismo. (Clóvis Rossi, FSP, 28/11/00).

(24) Entrevista do presidente do TSE Nélson Jobim

**Folha** – Houve uma leitura no meio político de que o TSE tomou a decisão [verticalização das coligações] por causa da amizade entre sr. e Serra. A verticalização beneficiaria a pré-candidatura dele?

**Jobim** – Em primeiro lugar, a decisão não foi monocrática [individual]. Foi tomada por 5 a 2. **Esse pressuposto** é equivocado. Por outro lado **essa afirmação não verdadeira** parte também desse paradigma político-eleitoral. Ela parte da idéia de que, como beneficia alguém, foi tomada com esse objetivo. Isso não tem sentido. (Entrevista concedida pelo Presidente do TSE à FSP, publicada em 27/04/2002, A-6).

Muitas vezes, anáforas deste tipo constituem fatos de polifonia, quando a recategorização do objeto é atribuída a uma outra voz que não a do enunciador, como se pode ver em (25):

(25) "Fernando Henrique Cardoso não gosta de ser chamado de neo-liberal. Quando alcançado por **essa "ofensa"**, responde, sempre irritado, que defende um Estado forte, dotado de poder de regulamentação, que não se confunde com o Estado desenvolvimentista, sempre inclinado a se meter onde não deveria.

Não seria justo chamar esse bate-boca de controvérsia de "nefelibatas". Descendo das nuvens, o panorama fica mais claro: nos quase seis anos de "**política modernizadora**", o governo FHC executou diligentemente as reformas que estão no cardápio do Consenso de Washington."(FSP,19/11/2000)

Note-se que a escolha de cada um destes nomes, dentre as várias opções possíveis, é importante indício da opinião do locutor não só a respeito do discurso que está sendo rotulado, como também a respeito do próprio enunciador desse discurso (cf. van Dijk, 1988 a; b); Marcuschi, 1991). Marcuschi (1991:2), ao estudar os *verbos introdutórios de opinião*, mostrou a importância da seleção destes verbos na construção da proposta de sentido pelo produtor do texto. Ao apresentar sua proposta, diz ele:

Mais do que mostrar que a neutralidade é impossível, tentarei analisar como a parcialidade se dá na introdução do discurso alheio, seja como interpretação, seleção ou avaliação. Quanto à seleção, não se trata da escolha de tópicos a reproduzir, mas da seleção dos verbos usados. Como pressuposto de trabalho, parto da premissa de que apresentar ou citar o pensamento de alguém implica, além de uma oferta de informações, também uma certa tomada de posição diante do exposto. Assim, a avaliação lingüística terá **um caráter não meramente estilístico**, mas sobretudo interpretativo e avaliativo. O mais notável é que isso se processa através do instrumento lingüístico usado e não mediante uma interpretação explícita paralela. Não me refiro, portanto, aos comentários; refiro-me tão somente às palavras que introduzem opiniões alheias com pretensão de felicidade ao pensamento do autor.

O mesmo se pode dizer, evidentemente, dos nomes selecionados para qualificar metadiscursivamente uma ação ou atividade de linguagem, ou um processo mental que se atribui a uma pessoa mencionada no texto, bem como para ironizar, contestar, distanciar-se de algo que ela disse, como fica comprovado nos exemplos acima.

Também van Dijk, em diversos de seus trabalhos sobre o discurso jornalístico (cf., por exemplo, 1988 a; b), tem mostrado diferenças ideológicas na seleção de termos deste tipo, conforme a pessoa ou grupo a quem se atribui uma fala ou cuja fala se trans-

creve. Enquanto membros de uma elite (política, cultural, econômica ou outra qualquer) *asseveram, expõem, argumentam, refletem, ponderam, constataam, determinam, evidenciam* e assim por diante, os membros de minorias apenas *falam, dizem, depõem, negam, mentem*. Desta forma, quando se qualifica a fala dos primeiros, atribuem-se-lhes *asserções, constatações, exposições, reflexões, explicações, ponderações, confirmações comentários*; ao passo que os enunciados dos segundos são qualificados simplesmente como *afirmações, negativas, falas, respostas* ou, no máximo, como *declarações, confissões* ou *recusas*.

### **Considerações finais**

Caberia, ainda, retomar o tema da relação entre determinadas estratégias de seleção lexical e gêneros textuais. As observações feitas a respeito da sinonímia, bem como das anáforas definicionais ou didáticas, permitem entrever tal relação: em se tratando de anáforas por sinonímia, em gêneros do domínio jornalístico, como notícia, reportagem, matérias opinativas; ou do campo contratual ou deliberativo, como contratos, atas de reunião, em contraposição com gêneros informais, como interações face-a-face, entre outros; no caso das anáforas definitórias ou didáticas, em gêneros como artigo acadêmico, conferência científica, matéria de vulgarização científica, aula, palestra, e outros mais.

A seleção do nome-núcleo das expressões referenciais é importante também, como vimos, não somente para a identificação do estilo (de gênero ou individual), como também da variedade lingüística em que o texto se encontra vazado. Não faltam exemplos preciosos na literatura sobre variação.

Dentro dos limites deste trabalho, não caberia desenvolver mais a fundo a temática aqui esboçada. Acredito, porém, que ele abre perspectivas para uma série de reflexões que poderão comprovar a correlação íntima entre seleção lexical e progressão referencial por meio da (re)construção de objetos-de-discurso. E, portanto, sobre a vital importância de serem levadas em conta as questões de ordem lexical no estudo da progressão referencial, para uma melhor compreensão dos modos de constituição dos textos e de seu funcionamento nas práticas sociais.

**BIBLIOGRAFIA**

- APOTHÉLOZ, Denis (1995), “Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques”, in Berrendonner, Alain. & Marie-José Reichler-Béguelin (orgs. 95, pp. 143-173.
- APOTHÉLOZ, Denis e REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (1995), “Construction de la référence et stratégies de désignation”, in Berrendonner, Alain & Marie-José Reichler-Béguelin (orgs.) 1995, pp.142-173.
- BERRENDONNER, Alain e REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (orgs.) (1995), Du syntagme nominal aux objets-de-discours. Neuchâtel: Université de Neuchâtel.
- CAVALCANTE, Mônica (2003), Expressões referenciais – uma proposta classificatória in *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 44, Campinas, IEL/Unicamp, pp. 105-118.
- CONTE, Elisabeth (1996), Anaphoric encapsulation, in *Belgian Journal of Linguistics: Coherence and anaphora*, v. 10, pp. 1-10.
- FRANCIS, Gill (1994), Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion, in Coulthard, Malcolm (org.), *Advances in written text analysis*. Londres: Routledge.
- JUBRAN, Clélia (2003), O discurso como objeto-de-discurso em expressões nominais anafóricas, in *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 44, Campinas, IEL/Unicamp, pp. 93-104.
- KLEIBER, Georges (2001), *Anaphore Associative*. Paris: P.U.F.
- KOCH, Ingedore (2002), *Desvendando os segredos do texto*, São Paulo, Cortez.
- \_\_\_\_\_ (2000), Expressões nominais indefinidas e progressão referencial, in *Revista Platanalto*, Brasília, n.1, pp.118-125.
- \_\_\_\_\_ (1997), *O texto e a construção dos sentidos*, São Paulo, Contexto.
- \_\_\_\_\_ e MARCUSCHI, Luiz Antônio (1998), Processos de referenciação na produção discursiva, in *D.E.L.T.A.*, v. 14: 169-190 (número especial).
- LESNIEWSKI, S. (1989), *Sur les fondements de la mathématique. Fragments*, Trad. de G. Kallinowski, Paris, Hèrmes.
- LIMA, Maria Luíza (2004), Indefinido, anáfora e construção textual da referência, tese de doutorado, IEL/Unicamp.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio e KOCH, Ingedore (1998), Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada, in Abaurre, Maria Bernadete (org.), *Gramática do Português Falado*, vol. VIII, Campinas, Edunicamp/Fapesp, pp. 31-58.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1991), A ação dos verbos introdutores de opinião, in *INTERCOM - Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, ano XIV, n. 64, pp. 74-92.
- MONDADA, Lorenza e DUBOIS, Danielle (1995), Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référentiation, in Alain Berrendonner & Marie-José REICHLER-BÉGUELIN (op. cit.), pp. 273-302.
- SCHWARZ, Monika (2000), *Indirekte Anaphern in Texten*, Tübingen, Niemeyer.

